

COLUNA

EXU ELEGBARÁ, OU SÓ BARÁ, ABRE OS CAMINHOS DA PORTELA NO OJÁ-MERCADO NO CARNAVAL DE 2026

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Eliezer Gonçalves Cordeiro²

Parem tudo, meus amores, que a coisa aqui no mundinho do samba está prestes a ficar muito interessante! A nossa majestosa Portela, num daqueles passes de magia que só ela sabe dar, decidiu que em 2026 não vamos falar de Egito, Grécia ou do fundo do mar. Não, senhor! A viagem agora é para o Sul do país. E antes que você imagine avenidas cheias de gaúchos tomando chimarrão em cima de carros alegóricos, calma! A coisa é mais profunda, mais rica e – pasmem – mais afro do que se imagina. Pois é, enquanto o resto do Brasil acha que o Rio Grande do Sul é só sotaque italiano e churrasco, a Portela vai nos lembrar que a cultura negra por lá é forte, resistente e cheia de histórias saborosas. E qual é a história que a azul-e-branco vai contar? Preparem o coração: é a do Príncipe Custódio, uma figura ancestral ligada ao Bará do Mercado.

“E o que é o Bará?”, você me pergunta. Eu explico, sem medo de ser feliz! O Bará é uma entidade muito popular no RS, um exú que, diz a tradição, é o

¹ Graduado em Letras (UFRRJ); Graduado em Pedagogia (UVA); Graduando em Artes (UNIFACVEST); Mestre em Educação (UFRRJ); Mestre em Artes do Carnaval (UERJ); Doutorando em Educação (UFRRJ); Professor efetivo do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (IAP-UERJ).

² Graduado em Pedagogia (UNIFACVEST); Graduando em Artes (UNIFACVEST); Mestrando em Educação (UFRRJ); Professor substituto do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (IAP-UERJ).

guardião dos mercados e dos lugares de passagem. É aquele que abre os caminhos! E a genialidade da Portela foi pegar justamente essa figura sincretizada, que todo mundo em Porto Alegre conhece, e conectar com a linhagem real de um príncipe africano. É dar um banho de elegância e profundidade na nossa história! Imagina só o samba no pé falando de um príncipe que virou guardião de mercado? É a resistência africana com endereço certo no Mercado Público de Porto Alegre. É a coroa de um rei dialogando com as guampas de um carnaval.

Meus amores, vamos combinar uma coisa? A coisa mais genial da humanidade, depois do samba-enredo e do cafezinho, foi a invenção do mercado. Não estou falando daqueles supermercados silenciosos onde a gente só ouve o barulho do cartão sendo negado. Estou falando daqueles mercados de rua, barulhentos, coloridos, onde cada tia tem seu jeito único de chamar você de meu bem e onde uma simples ida para comprar um tomate vira uma aventura. Pois bem, a nossa querida Portela, em sua missão de nos fazer mais inteligentes a cada carnaval, resolveu mergulhar nesse universo. E, para entender a joia que é o enredo do Príncipe Custódio e o Bará do Mercado, precisamos voltar no tempo e cruzar o Atlântico. Imaginem a África de séculos atrás. Longe dos estereótipos, os mercados eram o hub de inovação da época! Eram a bolsa de valores, o ponto de encontro dos influencers da moda, o centro cultural e o noticiário local, tudo ao mesmo tempo.

Só que era mais do que isso poque em muitas culturas, como a lorubá, o mercado (chamado de ojá) era um espaço sagrado. Era o domínio de Exu, o orixá mensageiro, senhor dos caminhos, da comunicação e... das trocas. Ele é o dono do asé, a energia vital que move o mundo. E o que move um mercado senão o asé das negociações, das conversas, dos encontros e das fofocas? Exu era, portanto, o grande facilitador, o guardião que mantinha a energia do lugar fluindo. Sem ele, o comércio não prosperava. Agora, tragam essa herança para o Brasil, para o Mercado Público de Porto Alegre. Os escravizados e libertos trouxeram na memória a noção de que o mercado é um lugar de poder, comunidade e espiritualidade. E com eles, veio a figura de Exu. Aqui, ele se

sincretizou e ganhou um nome regionalíssimo, dito Bará. E no Mercado Público, uma construção imponente no centro da cidade, nasceu a lenda do Bará do Mercado. Diz a tradição que ele é o guardião do lugar. Os comerciantes e frequentadores sabem, para que os negócios fluam, para que os caminhos se abram, é preciso fazer uma oferenda ao Bará. Um cigarro, uma pinga, uma moeda... é o pacto de manutenção da energia vital daquele espaço, uma tradição que ecoa diretamente os antigos ojás africanos.

E é aí que a Portela dá um passe de mágica! Eles pegaram o Príncipe Custódio (a história real de um nobre africano) e o articularam com o Bará do Mercado. A mensagem é linda pois o mesmo princípio de energia, comunicação e prosperidade que era guardado por Exu nos mercados da África, hoje é personificado no Bará, que por sua vez está ligado à linhagem real de um príncipe. É como dizer que a realeza africana não se perdeu; ela se transformou e se mantém viva, guardando e abrindo os caminhos do seu povo até hoje, no coração de Porto Alegre. Vamos falar sério por um minuto (só um, prometo!). Enquanto a imagem do investidor modernão é um sujeito de terno gritando em um pregão de Wall Street, a gente precisa corrigir um pequeno detalhe histórico: a África já tinha suas "bolsas de valores" muito antes disso ser uma profissão glamourosa. E o enredo da Portela para 2026 escancara essa verdade de uma forma deliciosa.

Parem com a ideia de um continente apenas agrícola. Impérios como o Mali, Gana e Songai tinham sistemas econômicos que fariam um MBA corar. O ouro que abasteceu o mundo medieval? Saía de lá. As rotas de comércio transaarianas, que ligavam a África Subsaariana ao Mediterrâneo, eram a Nasdaq da época, movimentando sal, ouro, tecidos e conhecimento. A moeda forte era o pó de ouro, e o contrato futuro era a palavra empenhada em praças públicas que funcionavam como os grandes mercados bolsistas. Eles não precisavam de um sino para abrir o pregão; o sol que nascia já era sinal de que o trading de histórias, produtos e asé (a energia vital) estava aberto. E o que aconteceu com todo esse know-how econômico? Ele veio para o Brasil na memória e na habilidade dos povos escravizados. E aqui, no Rio Grande do Sul,

a contribuição negra para a economia é um capítulo teimosamente ignorado. Enquanto a historiografia tradicional insiste em nos mostrar apenas o gaúcho a cavalo, ela esquece de contar que os negros eram a mão de obra que movia as charqueadas, a indústria que foi o alicerce da economia gaúcha por séculos. Eram os pedreiros, ferreiros, carpinteiros e artesãos que construíram as cidades. Eram as negras de tabuleiro e as quituteiras que fundaram uma parte significativa do comércio informal e da vida urbana. Mas o que ficou famoso? As construções de estilo europeu, boa parte construída por negros.

Ou seja, a economia do RS não foi construída apenas no lombo de um cavalo, foi construída também no suor, no conhecimento e no empreendedorismo forçado e invisibilizado de homens e mulheres negras. Eles não só ajudaram, eles foram fundamentais na engrenagem que fez o estado funcionar. A sacada da Portela é brilhante. Ao contar a história do Príncipe Custódio ligado ao Bará do Mercado, a escola pega esse fio da meada. Ela conecta a sofisticação econômica dos mercados africanos (representada pela figura do príncipe) com a resistência econômica negra no RS (representada pelo Bará, o guardião do Mercado Público). A Portela, portanto, não está apenas contando uma história bonita. Está fazendo um acerto de contas com a nossa memória econômica. Está lembrando a todos que, enquanto o mundo moderno descobria a economia, a África e seus filhos já eram mestres nela. E que o desenvolvimento do Sul do país deve muito mais ao "Okê, Arô!" do Bará do que alguns gostariam de admitir.

Para animar, vamos com o samba escolhido pela escola para arrepiar na avenida!

Ê bará, ê bará... ôô!

Quem rege a sua coroa, bará?

É o rei de sapaktá

Aláfia do destino no ifá!

É mistério que incandeia

Pro batuque incorporar

*É mistério que incandeia
Pra portela incorporar
Vai, negrinho... vai fazer libertação
Resgatar a tradição
Onde a África assenta
Ô, corre gira, vem revelar
O reino de ajudá
O pampa é terra negra em sua essência
Alupo, meu senhor, alupô!
Vai ter xirê no toque do tambor
Alumia o cruzeiro... chave de encruzilhada
É macumba de custódio no romper da
Madrugada
Curandeiro, feiticeiro
Batuqueiro precursor
Pôs a nata no gongá (ô, iaiá!)
Fundamento em seu terreiro
Resiste a fé no orixá
Da crença no rosário
Ao rito do mercado
Ainda segue vivo o seu legado
Portela... tu és o próprio trono de zumbi
Do samba, a majestade em cada ori
Yalorixá de todo axé
Enquanto houver um pastoreio
A chama não apagará
Não há demanda que o povo preto não possa
Enfrentar!
Ae oni bará! Ae babá lodê!
A portela reunida carregada no dendê*

*Sob o céu do rio grande
Tem reza pra abençoar
O príncipe herdeiro da coroa de bará!*
(Portela, 2026)